

BRUNO CÂNDIDO MUANHA  
*O pensamento refletido  
em poema*



VOLUME III

*BRUNO CÂNDIDO MUANHA*

O  
PENSAMENTO  
REFLETIDO  
EM POEMA

Volume III

## **Dedicatória**

É dedicado esta obra, primeiramente a Deus que me conceder o talento pela forma de pensar e exprimir em forma de pensamento que fazem poesia.

É dedicado aos meus pais, que me colocaram ao mundo, e me deram um carácter muito salvador na forma de crescer.

É dedicado à família, mulher, amigos e a todos o quanto deram-me um impulsionamento agradável, e com ela saboreei o desejo da persistência contínua, na escrita, com sentimentos favoráveis vindo de vários lugares juntos.

É dedicado a vós, que nunca me levaram para lama com suas críticas, mas sim, me elogiaram, e me deram uma crítica para crescer...

**Copyright 2022© Autor**

**Título: O PENSAMENTO REFLETIDO EM POEMA**

**Volume III**

**Autor: Bruno Cândido Muanha**

**Contacto do autor**

**Whatsapp: +244 992 173 473**

**Correio Electrónico: [mbrunocandido@gmail.com](mailto:mbrunocandido@gmail.com)**

**Facebook: Bruno C. Muanha**

**Prefixo do Editor: 978-989-989**

**Todos direitos reservados**

**Design da capa e a obra: Autor**

## ***SUMÁRIO***

- 06 -Aleluia**
- 08 -Será mesmo calor?**
- 09 -Mergulhar**
- 10 -Berço meu**
- 11 -Louco de se amar**
- 12 -Angola**
- 13 -Ecuridão**
- 14 -O novo sol**
- 16 -Refúgio**
- 17 -Massificação**
- 19 -Dilúvio**
- 20 -Folgado**
- 22 -Correrei**
- 23 -Tira-me dessa grade**
- 25 -Lado caído**
- 26 -Zwela a língua minha**
- 28 -Essas correntes leves**
- 30 -Era esse lhuando**
- 32 -Me perco**
- 33 -Elegância**
- 35 -Lá era mama mandou**
- 37 -Entre em mim**
- 38 -Candongueiro**
- 40 -Pandemia**

## *Aleluia*

*Expressa o agradecimento naquilo que creio,  
No que é feito no universo crente.*

*Expressa glória na sua palavra.*

*Palavra que cria verso*

*Em poema sem nexo*

*Palavra de adoração, para aquele que ninguém vê,*

*Mas é sentido pelo espírito*

*Daquela que possuirá a ressurreição;*

*Quando se é crente.*

*Palavra mística em bondade*

*Que cativa crente...*

*Com sua outra expressão aleluia, cativa o Amém!*

*Juntos formando união*

*Em sentido de gratidão!*

*Palavra que não expressa martírio na sua expressão*

*E no coração de quem não sofre com a podridão...*

*Amém: é a união do Aleluia.*

*Do céu e a terra,*

*Do mar e o rio*

*Do peixe à água*

*Da planta à raiz*

*Da carne ao espírito*

*Do homem à natureza*

*Do sol e a lua  
Dos planetas aos anéis  
Da estrela à luz...  
Juntos para dar clareza na verdade clara  
Que é formado pela nossa velhacaria  
Psicológica!*

## *Será mesmo Calor!*

*Será mesmo calor?  
Nada dói, nada fortalece  
Nada cura e nada envelhece.  
O meu amor que cai pela tua loucura doce,  
Cativante e quente.*

*Será mesmo calor?  
Aquele que vem no meu heart, feito a sentimento que dói,  
No cheiro de um fogo ardente  
Que me deixa babada com seu dragão eloquente.  
- O cuspidor de leite?*

*Claro! Que fará calor!*

*Será mesmo calor?  
Desse amor louco feito a doidos  
Nos tempos claros  
Onde ferve o sangue do seu amante, impiedoso...*



# *Mergulhar*

*Com o seu belo andar  
Reflectindo o seu brilho atrás do sol,  
Mostraste-me a confiança e a certeza que nela  
Posso mergulhar.*

*Fui vagueando na sua confiança,  
Quando lá me coloquei.  
Notei o seu sabor  
Salgado e triste, então retirei-me da sua onda  
Mesmo já estando perdido na sua mota.*

*Não quero ter uma carranca  
Pelo teu corpo porreto...*

*Mas, adorei mergulhar  
No seu oceano mesmo não afundando!*

## *Berço meu*

*Berço meu, berço meu  
De lágrimas caídas me construístes  
De ternura amarga, me possuístes  
De mel doce me tornaste eu.*

*Berço meu, berço meu  
Nada sou sem o seu mel,  
Nada me torna eu, sem o seu leite.  
Leite, que caiu do céu...  
Do cordão que produziu todo eu.*

*Berço meu, berço meu  
Cativaste todos momentos meus  
Exististe em todos confortos meus  
Amaste toda minha existência  
Fizeste histórias milagrosas na minha decadência,  
Correste comigo em tempos passados,  
Em notas sem cansaços.*

*Berço meu, berço meu  
Cá, se tornaste minha história  
Cá, colaste o meu passado em memórias  
Cá viste o meu ser, com glórias!*

*Berço meu, berço meu*

## *Louco de se amar*

*Permita que eu te convença  
Que estou contigo nessa,  
Luto tanto com o meu pensamento  
E o coração, sofre uma inércia,  
De como te fazer feliz, nessa.*

*Sento no seu lado e os olhos brilham para se,  
Me lembro dos momentos  
Bons e saudáveis que eu criei para te.  
Sabes?!*

*Eu te adoro do jeito certo  
Meu ninho urubu correcto,  
Minha amada de bom sabor e corpo certo  
Louco de se amarrar contigo  
No momento certo.*

*És carnívora de certa maneira.*

*Doçura clara como ovo, Tu és.  
E és, a minha galinha fervida nas noites perdidas!*

# *Angola*

*Foi nessa independência que Angola  
Se fez viva.*

*Foi nessa independência que Angola  
Fez o Agostinho Neto gritar viva.  
Junto com um povo, de uma só nação,  
Angola!*

*Foi nessa independência que Angola  
Se afirmou Independente económico,  
Onde arrecadou a cultura e a política humana.  
Simplesmente, angolana!*

*Foi nessa independência que Angola  
Calou a exploração hanartica de seres humanos,  
Trocados por marfins e 30 escudos.  
Fora de Angola.*

*Foi nessa independência que Angola  
Hoje chora junto ao pé do seu povo que não se cala...  
E luta com políticas sem armas,  
Para melhorar as suas argolas.*

*Foi nessa independência que Angola  
Fez o povo rir de esperança, com calor próximo entre povos  
De mãos abraçados  
Dizendo: Somos todos povos!*

## *Escuridão*

*Sua escuridão maldita  
Taxaste no meu interior,  
O calor.*

*Bem a que fora e lá dentro da sua prisão,  
Me perturbas com palavras doces  
Para florescer o meu intelecto com sua podridão,  
Tirando a minha assimilação.*

*-Um pouco!*

*-Um pouco não.*

*Tudo que há em mim,  
E para que em mim déspotas...*

*Apartai-te sua escuridão de medo,  
Que mata com o seu corcho vã.  
Que mesmo dormindo nela,  
Me sinto no vã.*

## *O Novo sol*

*Na hora exata o sol nasce  
Na hora exata o sol cresce  
Na hora exata o sol decresce  
Na hora exata; o sol morre!*

*Na hora exata; o sol nasce com vontade  
De emergir na esperança do novo  
Em dar-nos dias novos.*

*Na hora exata; o sol nasce com todo seu sabor para dar,  
E com toda sua luz  
Servir o chão para onde pisar.*

*Na hora exata; o sol cresce como nasce,  
Flui ao nascer para viver.*

*Dá leite branco nos seus dentes  
Para amadurecerem.*

*Na hora exata; ela cresce em sonhos  
Para engrandecer sorrisos.*

*Na hora exata; o sol decresce para amadurecer de novo.*

*Decresce para reduzir na contagem de um novo crescer.  
O sol decresce, para dar esperança.  
Em novo que não foi emerso, na sua luz!*

*Na hora exata, o sol morre.  
Ela morre como decresce, para que,  
O que não foi emerso na luz,*

*Cresça na escuridão.*

*Ele morre*

*Morre toda hora*

*Morre todo dia*

*Morre toda semana*

*Morre todo ano*

*Morre sempre na esperança*

*Que lhe foi prometida, para que a imersão*

*Seje mais notória na sua outra vida.*

*E morre, para crescer!*

## *Refúgio*

*É o direito que ganharei em ir onde der  
E quero.*

*Darei a ele o lugar para que estejas bem.*

### *Refúgio*

*É o meu lugar, onde há tudo  
Que me consola e ganho sozinho,  
Ele me toma e me regozija  
Com as críticas e palavras minhas.*

### *Refúgio*

*Ele dá valor em tudo que penso e faço.*

### *Refúgio*

*Sou eu! O meu valor, o meu estado,  
O que permanecerá comigo mesmo não estando  
Partilhando tudo que pode, aos pedaços.  
Ele dá a sua marca e calor merecedor,  
Mostrando um abrigo único...  
Soma suas paredes pintadas de sabores  
Em momentos dolorosos e amargos,  
Pelo fundo coração machucado  
De variantes emoções!*

### *Refúgio!*

*Lá está ele no fundo do seu abrigo  
Que não se cala no terno bonito, á salvador!*



## *Massificação*

*Não para que fiques manso.  
Não para que a manifestação faça o papel manco  
Na libertação da solidificação mutuada.*

### *Massificação*

*Não roga o sustento ridiculado,  
Do amor solene perante a massificação radiculada  
De um bom senso natural...  
Massificação aberta; é o jogar da bola nos olhos abertos,  
Para quem não vê as rugas de recheios  
Do Pungo Andongo, perto das Quedas de Calandula.*

*Aberta sem água nascente  
Para florir no jardim da terra fervente,  
Onde nasce a flor que  
Alimenta as abelhas na sua prole nascente.*

### *Massificação. Para mim não!*

*Correrei com ela para não fazer chorar e sofrer o meu sol,  
Que nasce sempre no acordar de um novo som  
Em um manso libertado.  
Não fumarei o correio todo, desta vez!  
Calcularei com ela a todo tempo, nas suas aspas marcais  
Perto do maço fechado de cinzeiro,  
No fumo aceso de esperanças.  
Massificação; será dada a quem comigo se libertar  
Do amor ladrão, há todo tempo,  
Este que é feito a calor infernal, no jardim tropical!*

## *Dilúvio*

*O seu dilúvio enche-me  
E vagueia na minha muxima,  
Uma bera sem onda  
Para mergulhar.*

*O seu dilúvio  
Mostra-me o inferno, bem perto do diabo...  
Indaguei o Senhor no seu jardim,  
Para me tirar desta droga de amor que magoa,  
O meu pensamento cheio de pó.*

*Lá estava eu!*

*Sem jardim de flor rosa,  
Àquela que ilumina o balde pequeno,  
Grande ou mesmo médio.  
Cheio de sangue regado nela  
Com a sua bela planta cheirosa e fogosa,  
Que não mata a sua pulungusa...*

*Matarei eu!  
Junto do ceifador de bondade  
Numa justiça dos séculos,  
passados de Moisés à Samuel.*

## *Folgado*

*Folgado, folgado, folgadinho  
Ai como eu me acho, folgado!...*

*Folgado sou eu mesmo  
Aquele que te tira da tua zona ocasional,  
Quando mexo nas tuas hastes labial.*

*Folgado sou eu,  
Aquele que tira a blusa, calça, sultiã e o biquíni,  
Bem fora do seu cosmo,  
E o deixas perplexo de paixão.*

*Perdido fico quando  
A sua caixa preta molha.*

*E ela de cor vermelha!  
Mas adoro o azul, do seu vestido já tirado.  
Folgado azulado.*

*-Que cor predilecta!*

*Vermelha está que nem o meu ponto vermelho  
No fundo do seu poço porreto.  
Para tirar a pouca água que já possuiis  
Quando te derreto em um sol ardente sem oxigénio.*

*Ai!..*

*Como quero possuir-te em uma noite branca tu, e eu preto!*

*Não tens medo da dor  
Em que posso transformar  
A tua boca salgada em doce de tanto amor?*

*Folgadão só  
Por estar perdido na sua serra,  
Com tantos dentes,  
Quando abocanhas  
O meu pirolito de vários modos  
Em tica, tica, cavalo!*

## *Correrei*

*Correrei com tempo  
Nesse tempo que se tornou meu, devido o tempo,  
Onde perto dele, me sinto eterno.*

*Correrei com tempo  
Para que o martírio, não me faça sofrer de ardor.*

*Correrei com tempo  
Correrei com tempo*

*Em um local cheio de ardor extrema,  
Nas morosidades das suas burocracias repletas  
E correrei com tempo*

*Correrei com tempo  
Todos os dias nas aberturas dos conluios  
Para mansar o seu corredor, de concretização!*

## *Tira-me dessa grade*

*Essa que balança o meu espírito,  
De álcool e cevada,  
Em momentos triste de que não fiz nada,  
Onde nela estou preso, em 24 buracos.  
E todos os problemas meu, se encaixam nela.*

*Tira-me dessa grade!  
Que me deixa em perplexões imaturas  
Que nem percebo que estou dentro dela...  
Mesmo acusado pelo malfeitor da palmatória dela,  
Estou preso na minha própria mão e mente,  
Em mantê-la afastada da mente dela.  
E mesmo sem concentrar ela  
O pensamento de ensopar me cai na mente...*

*Tira-me dessa grade!  
Que já nem sei o que me fará no futuro  
Quando atingir mais de 10, 20 anos dentro...*

*Tira-me de lá!...*

*Tira-me dessa grade  
Que faz falar-me ato-a  
E muda-me fisicamente e mentalmente ato-a.*

*Tira-me, tira-me, tira-me dessa grade!  
De cacos partidos ou ferros fundidos  
Que nada amadurecem-me pelos crimes cometidos,  
E me culpo, sem saber quais foram*

*Tira-me  
A mente está perdida  
Em preocupações que nem sei quais foram.  
Tira-me, dessa grade!*

## *Lado caído*

*Bem perto do meu lado estou,  
Deste lado que caiu quando o Senhor  
Não me deu o que queria no momento,  
Que acho certo!*

*O meu lado está a murchar Senhor!*

*Acolhe-me, porque a minha cabeça  
Está fria de coisas quentes  
Que me tradicional na Roma antiga,  
E me levam no Irão junto à Síria.*

*Perdoa o meu coração possuído  
Pela cabeça tola,  
E possui o corpo feito  
Do seu sopro  
De Herói, que não rola!*

*O lado meu está caindo!  
Meu Herói grande de todos tempos.  
Corra, corra e tira-me de lá!...*



# *Zwela a língua minha*

*Salva a língua minha!  
Essa língua que muitos  
Tentaram banalizar e tirar de mim!*

*Salve a língua minha!  
Aquele que fortalece o meu nacionalismo,  
Que vem do Kimbundo, Kicongo, Nganguela, Umbundo...  
Que entre nós nos entendemos,  
E eles não entendem e nem entenderam,  
Mas tentaram tirar de nós!*

*Salve a língua minha  
Povo meu!*

*Firme o que é nosso na muxima de cada...*

*Não choremos por ser eles  
A nos mostrarem a sua postura  
Na escravatura com a sua língua,  
Mas choremos por poucos dos nossos  
Não terem a mesma vontade, em a firma-la.*

*Salve a língua minha  
Owini!*

*Salve a língua minha!  
Dona que chora com o seu moname  
Longe do pé da sua mange,  
E longe da sua lavra que estão a ser roídas,*

*Pelos afirmadores da linguagem, que não é minha!*

*Salve a língua minha  
Desses que juntos coesificaram a Linguagem  
Num povo que se reunia  
Na mesma cultura e sintonia,  
Juntos para se unir em harmonia.*

*Me esquece!*

*Salve a língua minha  
Que, nos unirá de novo,  
Porque dela foi tirada a união  
E puseram o fadigo, na corrupção.*

# *Essas correntes leves*

*Essas correntes leves!  
São essas que transformam  
O meu fardo pesado.*

*São essas que durante a noite  
Me derreto em lágrimas,  
Me perguntando:*

*Por que eu?*

*Acabo em amarro apertado,  
Machucando a minha mão  
Para ser libertado.*

*São essas correntes leves!  
Que me levam no mar vermelho de lágrimas,  
Natrona sou.  
Mas não do dono que me sucumbiu,  
Nessas leves correntes...*

*Essas correntes leves  
Que mesmo assim me prende, no escuro  
Sem água e sem local exacto para defecar,  
São essas que nunca acabam de fatigar  
O seu macaco, gorila, chimpanzé...  
Feito a ser humano!*

*São essas correntes leves  
Que não me deixa viver,  
Deixa-me ser livre  
Liberta-me!*

# *Era esse lhuando*

*Era esse lhuando*

*Que nos metia a noite toda a ver a lua  
E as constelações nas noites quentes e frias.  
Era de pau que marcava quando se deitava nela.*

*Marcava lá:*

*O seu aconchego, o seu conto refinado de partilha.*

*Marcava lá:*

*O reflexo que vinha das galáxias  
Do cimo azul,  
E que para nós?!  
Era uma criança  
Quando os contos eram reflectidos!*

*Vários dias ele me acolhia nas manhãs tardes e noites.*

*Deitávamo-nos em vários contos do velho Avó,*

*Contos de malabarismo,*

*Do colonialismo e o imperialismo.*

*Mergulhávamos em um olhar de tristeza*

*Que deixou para trás,*

*Cada vez que contava.*

*Lá no atrás!*

*Contos alegres*

*Que sussurraram o sabor do amor em esperança*

*Na Dona Domingas, que humilhava-o com a sua bela anca*

*Quando passava.*

*Contos de tribos*

*Que eram roubados as suas terras, que por força da guerra  
Abandonavam com todos agulhões, cafés e trigos.*

*Era esse lhuando  
Que nos fazia contar as histórias mais bizarras,  
Onde a guerra não acabava...  
Mas o passado o fez presente,  
E a malamba da vida, o fez crente.  
Em tudo que viveu!*

*Era esse lhuando  
Que o Avó não tirava o olhar no passado e na emoção  
Que o fez acabar com a escuridão  
No seu tempo bizarro, que o fez crente.  
Onde lá, ficou tudo para ele,  
E só sobrou hoje.  
História para nós!*

## *Me perco*

*Melhor mulher que tenho é você!*

*O melhor calor que posso-o,  
É do seu!*

*É no seu ambiente que eu me divirto,  
É ao seu lado que me fortaleço!*

*Quando mais perto da sua pessoa estou,  
Me perco!*

*Quando te quero dizer algo,  
Me perco!*

*Estas bem a frente de mim,  
E me perco!*

*Minha vida dividida com outra?  
Não.*

*Porque a minha mandíbula mexera várias vezes,  
E sem desposar contigo então...*

*O teu amor é único  
Onde o Touro é a nossa segurança  
O Leão, o nosso rugidor perante a esperança  
O coração com o amor, é a nossa liderança.*

*Já é bastante satisfatório para mim,  
O seu calor, o seu cheiro, o seu jeito  
Junto com o seu corpo dentro.*

## *Elegância*

*Mergulhei no som da sua graça  
Contando com a elegância da sua anca,  
Caiu-me momentos de graça  
Pela sua arca gelada.*

*No suor da sua elegância, ficou açucarada a arca,  
Não a de Noé! A da Ana.  
A melanina faz o sucesso da elegância  
Que é representada pela sua raça preta.*

*Encantada estavas em sons brilhantes de sol, que contam  
No calor teimoso do sol do céu,  
Fazias-me leite nutrido vitaminando há c  
E à elegância sua, corria em cada passo que era representada  
Pela tchuna da sua anca.*

*Que loucura!*

*Não me mete no meio do seu cheiro cativante,  
Mas mata-me no meio das suas ancas dançantes.*

*Elegância gostosa possui!*

*Que mesmo não provando,  
Possuo-te na mente  
Com os calons exactos.*

*Não sou demente!*

*Mas realmente sou crente no que a minha mente é evidente  
Quando tropeças na paragem da frente.*



*Evidentemente, que sua elegância será elegante  
Nas naves galácticas da nossa mente.*

*Aceita-me só!*

*Sua possuidora de crente  
Que com sua anca ímpia  
Desperta a passadeira que ficam os crentes.  
Soa-me no ouvido com a língua salival  
Eminentemente na graça,  
Sua demente!*

# *Lá era mama mandou*

*Lá era o tempo da mama mandou  
O tempo onde as mães  
Mandavam, e nós esdruxávamos.*

*O tempo que fazíamos do tempo  
Passar o nosso tempo.*

*O tempo perdido, em notas solta em um local empoeirado.  
O tempo da magia, e da imaginação cuidada  
Pelos nossos sonhos que nos fazia desposar com ela.*

*Lá era mama mandou!*

*Mama mandou lá, no meu tempo de criança,  
Onde a maravilha da imaginação,  
Era a minha própria esperança.*

*Lá a mama mandou  
Construir o meu sonho, em um local onde o tempo  
Não fazia parte do meu tempo.*

*E lá a mama mandou  
Construir casas, carros, aviões, patos, galinhas, helicópteros  
(helicopitero como nós dizíamos enquanto criança!)*

*Lá a mama mandou  
Fazer do chão o nosso caderno  
E do dedo o nosso lápis,  
Junto com palitos e mãos,  
Apagávamos os desenhos mal feitos.*

*Lá a mama mandou desenhar,  
E eu xindei a desenhar!*

## *Entre em mim*

*Entre em mim*

*Coloque em mim a sua semente  
Para que ele possa procriar,  
Que dele saia fruto saboroso,  
Jamais visto por uma cria.*

*Entre em mim, com sua semente,  
Essa que me coloca  
No sabor eterno da fertilidade.*

*Entre em mim*

*Mas deixe-me com essa semente florir  
Sem enjoio ou êmese.*

*Entre em mim*

*Com a dureza do seu pau de Cabinda  
Lapidando o meu canal de Angola,  
De desejo caloroso e gostoso de sentir  
Um sofrimento de 274 dias.*

*Entre em mim*

*Deixa aquela semente cosmética  
Fazer núcleo em todo meu campo,  
E que de ninguém, foi negado de germinar em terras  
Estas que dão plantas florescentes.*

*Entre em mim*

*Deixa-me fazer parte dessa terra do Éden  
Onde o bonito é escondido e o cultivo é abundância,  
Mas o escoamento dá-se na circunstância.*

# *Candongueiro*

*Candongueiro  
Este que me tira do sério!*

*Candongueiro  
Meu carro da banda  
Que me tira em hora atrasada...  
Contigo fico feliz  
Contigo fico onde o sol não bate,  
Mas pela janela o mesmo penetra nela.*

*Candongueiro ínfima e grande,  
Azul, branco melhor vermelho. Como tu?  
Só existe TCUL.  
E a MACON onde fica?  
Fica no que fica onde eu fico!  
Kilamba Kixi.*

*Candongueiro  
Aí, como és verde no ponto de chegada e partida  
Da madrugada velhacaria!  
Perto de constelações partidas a pedradas  
Ou não existida a Governadas.*

*Candongueiro meu  
Que me relaxa em sonoridades consumidas  
Nos tempos colossos  
Dentro do seu isibaya,  
Junto com suas nbayas.*

*Não me mazá, mase.  
Porque delas, já me gabo  
Nisso que é da minha banda,  
Terra Vermelha!*

## *Pandemia*

### *Pandemia*

*Apareceste de uma forma muda,  
Que durante a sua existência  
Rompeste a minha impotência,  
Na sua permanência,  
Taxaste no meu planeta sem coerência  
A sua persistência...*

### *Pandemia*

*Pernoitaste no calor sujo  
Mas no frio teimoso; foste tímido,  
Na sua febre tifóide, foste duvidoso  
Bem lá, na guerra do Peloponeso,  
Correste com ele no ano 430  
Na peste do Egípto.  
E ninguém ficou leproso.  
Não te contarei como surgiu a poesia  
Mas, é através da poesia,  
Que te contarei, A peste da Pandemia.*

## *Pandemia*

*Abonaste o cosmo com a sua astúcia  
Durante as pestes e gripes nas suas iras,*

*E dela fizeste:*

*A Peste Antonina, a Peste Cipriano,*

*A Peste do Egipto, a Peste Negra*

*A Virola, a Infecção desconhecida*

*A Peste de Marselha, a Cólera*

*E a Peste Neumónica.*

*Mas como não bastasse da cura,*

*Carregaste a sua pele de cólera*

*Nas suas gripes raras*

*E dela suaste:*

*A Gripe Asiática, Gripe Espanhola*

*Voltaste com Asiática e Hong Kong*

*Apareceu, e a Suína fez parte*

*Até que o Corona vírus*

*Fazes-te a arte da morte.*

## *Pandemia*

*No passado; o vômito, a diarreia, a pele escura e gota salival*

*Marcava o clamor da tua chama*



*E hoje, acendeste-as nas nossas almas  
Mandando-as para o leito sem reclama-la.  
E contigo agente se protege com á mascara  
Contigo, o sabão com água e o álcool em gel  
Contra te, fazem parte da nossa mascara.*

### *Pandemia*

*Hoje lidamos com à covid-19  
Que nos atrai com a pobreza de x-9...  
A sua descoberta foi na Ásia  
Mas foi na África  
Que o sol se desvia,  
Em tantos caminhos  
Que já não à brisa...  
Tanta gente chora.  
Tanta gente clama.  
Tanta gente se devora  
Na notícia que em toda casa mora,  
E por te ora.  
Tu és antagónico na minha realidade  
Com a forma de adular,  
Não me trazes felicidade*

*No corredor do nosso médico*

*Só me trazes maldade.*

*E isto, já é azia!*

***O Pensamento Refletido em Poema***  
***Volume III***  
***De***  
***Bruno Cândido Muanha***

**Siga:**

**Fb: Bruno C. Muanha**

**Correio electrónico: [mbrunocandido@gmail.com](mailto:mbrunocandido@gmail.com)**